

Exposição

“José Afonso:
Geografias de uma vida”

15 abril a 31 maio



Foto de José Nascimento, cedida pela AJA

“José Afonso - GEOGRAFIAS DE UMA VIDA” é uma exposição que tem como objetivo dar a conhecer e ilustrar os locais onde José Afonso viveu. Regista sucintamente os locais que marcaram o mapa de Zeca Afonso e assim, também, a cronologia da sua vida.

Inclui fotografias e alguns poemas de José Afonso. Tem também o testemunho de uma aluna sua, assim como um maior enfoque no período em que o músico viveu em Setúbal.

A Associação José Afonso assume esta exposição como incompleta, com a aproximação possível, mas que considera do maior interesse divulgar.

José Manuel Cerqueira **Afonso** dos Santos (**ZECA AFONSO**) nasceu em Aveiro, a 2 de agosto de 1929, filho de um magistrado e de uma professora primária. A infância reparte-se entre Aveiro, Angola, Moçambique, Belmonte e Coimbra, devido às sucessivas deslocações profissionais do pai. Quando residia em Portugal estava ao cuidado dos tios, que o criaram.

Em Coimbra, estudante do Liceu D. João III, conhece o guitarrista António Portugal e começa a interessar-se pela música. Em fins da década de 40, já aluno de Ciências Histórico-Filosóficas da Faculdade de Letras de Coimbra, destaca-se como cantor de fados.

Casa pela primeira vez em 1950, com Maria Amália, de quem tem dois filhos, José Manuel e Helena. As dificuldades económicas levam-no a trabalhar como revisor no «Diário de Coimbra». Em 1953 grava os primeiros discos com «Fado das Águias» e outras canções, o que voltou a acontecer em 1956. Em 1958 viaja com a Tuna Académica até Angola, numa viagem que repetirá, dois anos depois, com o Orfeão Académico. Em 1960 grava a «Balada de Outono» e, depois, de modo irregular vai gravando alguns discos de pequeno formato.

Entre 1956 e 1964 lecionou em diversos liceus e colégios de Mangualde, Aljustrel, Lagos, Faro e Alcobça.

Em 1964, já casado com Zélia, parte para Moçambique. Os filhos de ambos, Joana e Pedro, nascem nos anos seguintes. Volta a Portugal em 1967, ano em que é pela primeira vez editado em «long playing» (33 rpm) com «Baladas e Canções», historicamente o seu primeiro álbum, que recolhe gravações anteriores à sua partida para Moçambique e editadas em vários EPs.

Expulso do ensino por razões políticas, dedica-se mais assiduamente à música e inicia um período de gravações regulares com «Cantares do Andarilho» (1968). Em 1969 grava «Contos Velhos Rumos Novos» e, em 1970, publica «Traz outro Amigo Também» e visita Cuba. Em 1971 edita «Cantigas do Maio». Ainda nesse ano recebe o terceiro prémio consecutivo da Casa da Imprensa pelo melhor disco.

Em 1972 canta pela primeira vez na Galiza e participa no Festival Internacional da Canção do Rio de Janeiro, onde apresenta o tema «A Morte Saiu à Rua», dedicado ao pintor José Dias Coelho, assassinado pela Pide. Edita «Eu Vou Ser Como a Toupeira».

Participa ativamente no III Congresso da Oposição Democrática, em Aveiro, em março de 1973 (onde estreia em público «O Que Faz Falta») e envolve-se na ação política com grupos de vários sectores da Esquerda, desde o PCP à LUAR. Publica, em 1973 «Venham mais Cinco».

Em 29 de março de 1974 participa no Encontro da Canção, no Coliseu dos Recreios, onde a censura não lhe permite cantar mais do que duas canções: «Milho Verde» e «Grândola Vila Morena». Menos de um mês depois, a 25 de Abril, esta era a senha do Movimento das Forças Armadas para o início da que ficaria para a história com o nome único de Revolução dos Cravos.

Ainda em 1974 faz sair «Coro dos Tribunais», mas só voltará a publicar em 1976 («Com As Minhas Tamanquinas»). Grava um disco em Itália de apoio à luta do jornal «República» e outro para a LUAR, ganha o Prémio Internacional de Folklore da Academia Fonográfica alemã (1976).

Apoia as candidaturas à Presidência da República de Otelo Saraiva de Carvalho (1976 e 1980) e Maria de Lurdes Pintasilgo (1985). Grava «Enquanto Há Força» (1977), «Fura Fura» (1979), «Baladas de Coimbra e Outras Canções» (1981).

Em 1982 visita Moçambique e é recebido pelo Presidente Samora Machel com honras semelhantes às de um chefe de Estado.

Em 1983 realiza os últimos espetáculos, nos coliseus de Lisboa e Porto. Publica o disco «Ao Vivo no Coliseu» e «Como Se Fora Seu Filho». Um ano depois, recebe dos doze participantes no Concerto pela Paz e Não Intervenção na América Central, realizado em Manágua, uma das mais significativas homenagens: uma mensagem assinada, entre outros, por Pete Seeger, Chico Buarque, Carlos Mejía Godoy, Silvio Rodriguez, Daniel Viglietti, Isabel Parra e Amparo Ochoa.

Em 1985 publica o derradeiro disco, «Galinhas do Mato», onde já só dá voz a dois dos temas. Os restantes têm interpretações de Janita Salomé, Helena Vieira, Luís Represas, Né Ladeiras e José Mário Branco.

Morre, no hospital de Setúbal, na madrugada de 23 de fevereiro de 1987.

